

ESPAÇO DAS JORNALISTAS NA COBERTURA DAS COPAS FEMININAS DE FUTEBOL NO ESPORTE ESPETACULAR

Women journalists' space in the coverage of the Women's Football Cups on Esporte Espetacular

Espacio para mujeres periodistas en la cobertura de los Mundiales de fútbol femenino en Esporte Espetacular

Sérgio Ricardo Soares¹

Universidade Federal do Tocantins – TO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9401-4571>

Joice Danielle Nascimento Pereira²

Universidade Federal do Tocantins – TO

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7404-1988>

RESUMO

O artigo traz uma reflexão sobre a participação das mulheres na cobertura jornalística das Copas do Mundo Feminina no programa Esporte Espetacular (EE), nos anos de 2019 e 2023. A pesquisa leva em consideração o espaço ocupado pelas mulheres ao longo da história na editoria de Jornalismo Esportivo, tomando como base áreas como narração, comentários e análises técnicas, espaços que são considerados masculinos dentro das dinâmicas da cobertura esportiva, sobretudo de futebol. O artigo foi ancorado pela metodologia de Análise de Conteúdo (AC), utilizando também o método comparativo para verificar as diferenças entre os dois períodos. A análise evidenciou mudanças na quantidade de mulheres envolvidas na cobertura e indicou que as jornalistas tiveram mais tempo para discutir suas representações dentro e fora dos campos, no entanto, a visão masculina ainda pauta a atuação das mulheres nesse espaço.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; gênero; futebol; Esporte Espetacular.

ABSTRACT

The article reflects on the participation of women in the journalistic coverage of the Women's World Cups on the Esporte Espetacular (EE) program, in the years 2019 and 2023. The research takes into account the space occupied by women throughout history in the Sports Journalism section, based on

¹ Professor associado do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Doutor em Ciências da Comunicação (UBI/Portugal), mestre em Letras (UFPE) e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UFPE). Líder do Coletivo de Estudos das Diversidades Audiovisuais – Outocampo (CNPq/UFT) e integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia – Nepjor (CNPq/UFT). E-mail: serrsoares@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. Bacharel em Jornalismo na mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia – Nepjor (CNPq/UFT). E-mail: joicedanielle.nascimento@gmail.com

areas such as narration, commentary and technical analysis, spaces that are considered masculine within the dynamics of sports coverage, especially football. The article was anchored by the Content Analysis (CA) methodology, also using the comparative method to verify the differences between the two periods. The analysis highlighted changes in the number of women involved in the coverage and indicated that the women journalists had more time to discuss their representations on and off the field; however, the male perspective still guides the performance of women in this space.

Keywords: Sports Journalism; gender; football; Esporte Espetacular.

RESUMEN

El artículo reflexiona sobre la participación de las mujeres en la cobertura periodística de los Mundiales femeninos en el programa Esporte Espetacular (EE), en los años 2019 y 2023. La investigación tiene en cuenta el espacio ocupado por las mujeres a lo largo de la historia en la redacción de Periodismo Deportivo, basado en áreas como la narración, el comentario y el análisis técnico, espacios que se consideran masculinos dentro de la dinámica de la cobertura deportiva, especialmente del fútbol. El artículo se ancló en la metodología de Análisis de Contenido (AC), utilizando también el método comparativo para verificar las diferencias entre los dos períodos. El análisis mostró cambios en el número de mujeres involucradas en la cobertura e indicó que las periodistas tuvieron más tiempo para discutir sus representaciones dentro y fuera del campo, sin embargo, la visión masculina aún guía el accionar de las mujeres en este espacio.

Palabras clave: Periodismo Deportivo; género; fútbol; Esporte Espetacular.

Introdução

Pensar a presença das mulheres dentro da editoria de Jornalismo Esportivo perpassa por lançar um olhar para uma história marcada por restrições, reforço de estereótipos e deslegitimação da presença feminina dentro dessa especificidade midiática, processo que se faz presente até a contemporaneidade e que ainda limita a atuação feminina, principalmente quando o tema abordado é o futebol. Noemi Bueno (2018) comenta que este obstáculo à atuação das jornalistas é ainda mais explícito quando observados as funções consideradas nobres dentro da cobertura de futebol na editoria esportiva, sobretudo na TV aberta, como narração, comentários e análises técnicas, que, nas palavras da autora, ainda se constituem como espaços de reserva masculina.

Embora avanços na área sejam notórios, em decorrência de engajamento em lutas de pautas feministas no contexto futebolístico a partir da década de 2010, Soraya Barreto Januário (2019) pontua que as mulheres que atuam com o esporte mais popular no Brasil ainda são submetidas a situações constrangedoras e desrespeitosas, tendo suas atuações restritas em grandes eventos. Um exemplo recente se deu na cobertura do Campeonato Brasileiro de 2024, maior campeonato de futebol masculino do país, em que o técnico Abel Ferreira, do Palmeiras³, agiu de maneira ofensiva para com uma repórter, Alinne Fanelli, que estava no exercício de suas funções durante uma coletiva de imprensa.

³ A Sociedade Esportiva Palmeiras é um dos principais clubes de futebol do estado de São Paulo e se destaca por ser presidida desde 2021 (e, portanto, à época da referida entrevista) por uma mulher, Leila Pereira.

Alinne Fanelli - Abel, boa noite! Aline Fanelli, da Band News FM. Eu queria saber se você poderia atualizar para a gente a situação do Mayke, é com...

Abel Ferreira - Mais uma lesão, é, eu ... Há uma coisa que vocês têm que entender: eu tenho que dar satisfações a três mulheres só. Três! À minha mãe, à minha mulher e à presidente do Palmeiras, que é a Leila. São as únicas que têm o direito de falar comigo e de pedir explicações porque a equipe perdeu, porque lesionou, porque que não tem o A, porque que não tem o B, porque isso aconteceu. [...] Os outros podem falar, podem se manifestar, podem elogiar e podem criticar, e o treinador tem que saber ouvir treinadores e jogadores, tem que saber receber elogios e críticas. [...]

Alinne Fanelli - Só se você pudesse também falar um pouco sobre a convocação do Estêvão, se você teve um papo com ele, por favor.

Abel Ferreira - [Respiração profunda] Eu gostaria de saber o que vocês entendem pelo trabalho de um treinador? Gostaria de saber o que vocês entendem, o que é um trabalho de um treinador? [...] ⁴

Para além da resposta grosseira e num tom desproporcional para uma pergunta natural de entrevista, levando em consideração os acontecimentos da partida que acabara de acontecer, a atitude do treinador em relação à única repórter mulher presente – e após ter respondido a cinco jornalistas homens sem sobressaltos –, materializa uma visão estrutural que deslegitima a participação das mulheres na editoria e, em decorrência, gera entraves ao espaço profissional baseados essencialmente em uma condição de gênero.

A observação destas limitações históricas dentro do Jornalismo Esportivo, na perspectiva de gênero, levanta a discussão sobre como as comunicadoras são representadas e quais os seus lugares reservados na construção das coberturas de futebol na atualidade da TV aberta brasileira. Naturalmente, são questões que não se dissociam do contexto de afastamento imposto às mulheres ao longo da história, no que diz respeito ao futebol, que se erigiu como parte fundamental da identidade brasileira, mas uma identidade essencialmente masculina, desde sua semiose até as práticas profissionais. Se a tradição tratou de alijar o feminino dos gramados, das opiniões sobre jogos, do imaginário futebolístico, como vem se comportando a imprensa esportiva recente, em um momento em que mais ou menos lentamente a modalidade vê tabus serem quebrados e o futebol feminino começa a conquistar

⁴ Transcrição de trecho da entrevista coletiva com Abel Ferreira, realizada em 24 de agosto de 2024, após a partida Palmeiras 5 x 0 Cuiabá. A entrevista integral, em que se pode comparar o conteúdo e o tom de voz do treinador para perguntas de todos os repórteres presentes está disponível em <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2024/08/24/abel-ferreira-dedica-goleada-do-palmeiras-a-leila-e-desabafa-nao-sou-maquina.ghtml> . Acesso em: 29 set. 2024

espaços até então improváveis? Assim, emerge a ideia de observar espaços e representações da mulher jornalista na cobertura de um relevante evento da modalidade feminina.

Para esta pesquisa, decidimos pelo foco na mais importante competição da área, a Copa do Mundo feminina, noticiada em um programa igualmente relevante, a saber, o Esporte Espetacular (EE), revista eletrônica semanal de esportes da TV Globo. Entre os objetivos empreendidos pela investigação, apontamos para a reflexão sobre se e como as reivindicações femininas (e feministas) por mais espaço e equidade no futebol também foi recebida no lugar profissional do Jornalismo Esportivo, bem como buscamos pensar a respeito da contribuição destas possíveis alterações de cenário na quebra e superação de estereótipos quanto à imagem das mulheres comunicando e discutindo o futebol. Para tais propósitos, este trabalho propõe comparar as coberturas das Copas femininas pelo EE nas edições de 2019 e 2023, um breve recorte temporal, mas que nos permitiu observar significativas mudanças na distribuição de responsabilidades entre jornalistas de diferentes gêneros na construção das análises técnicas, comentários e narrativas da competição. São aspectos que perpassaram pesquisas mais amplas, empreendidas em projetos de pesquisa do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins e que aqui encontram uma síntese panorâmica dos seus principais resultados.

A investigação se ancora na Análise de Conteúdo, combinada a um estudo comparativo dos dois períodos mencionados. Para isto, foram analisadas dez edições do EE, sendo cinco delas em 2019 (09, 16, 23 e 30 de junho e 07 de julho) e outras cinco em 2023 (23 e 30 de julho e 06, 13 e 20 de agosto). A coleta para análise foi viabilizada através do Globoplay, plataforma digital em que a Globo disponibiliza seu catálogo de programação. Em uma primeira etapa, fez-se necessária uma quantificação da presença das jornalistas dentro de cada edição, verificando a participação na narração, análises técnicas, comentários e apresentação, em quadros que detalharam assunto, tempo de tela, jornalista responsável, função no programa e tipo de cada material sobre a Copa abordada. Tais aspectos abrangem desde entradas ao vivo e reportagens até interações no estúdio e resumo de jogos, um roteiro de procedimento sugerido por investigações de Érica Araújo e Mauro Ventura (2019). Posteriormente, os dados esmiuçados foram submetidos a cinco categorias: tempo de participação em tela; funções de participação; naturalização do futebol feminino; engajamento na causa da valorização da modalidade feminina e contaminação por referências esportivas masculinas. Estas categorias foram fundamentadas em trabalhos de autores como Araújo e Ventura (2019), Helena Miranda e Camila Silva (2017), Noemi Bueno (2018), Bueno e José Carlos Marques (2020), Leonardo Pacheco e Silvio Silva (2020), Raphaela Ferro (2021), Bruna Jacobovski (2022), Leonardo Pacheco (2023), Giovana Capucim e Silva (2015) e Silvana Goellner (2005). Todas elas constituem, cada qual a seu modo, um reflexo da emergência que as questões femininas e feministas ganharam nas últimas décadas. Todas elas remetem a aspectos midiáticos que teriam chance de passar despercebidos em outros momentos, mesmo pelo olhar dos estudos comunicacionais: neste ou naquele programa jornalístico há espaço de opinião para as

mulheres? Que função elas exercem no discurso televisivo? Como sintoma da contemporaneidade, veremos que são hoje questões incontornáveis do fazer e do pensar a imprensa.

Questões de gênero fora dos gramados

As manifestações de deslegitimação, opressão e limitação da atuação das mulheres dentro da editoria de Jornalismo Esportivo e, em decorrência, dentro da cobertura do futebol, são um reflexo social de restrições mais amplas na vivência histórica da prática do esporte. Parafraseando Jocimar Daolio (1998), sociedade e futebol são duas faces da mesma moeda. Portanto, observando a organização da sociedade moderna no que diz respeito ao tratamento das mulheres, é possível obter subsídios para interpretar as disparidades existentes entre gêneros na esfera do trabalho em editoria esportiva e na atuação na cobertura do futebol.

Partindo da discussão sobre as relações de gênero que sustentam a submissão das mulheres às figuras masculinas, Daniela Auad (2003) parte de pressuposto de que as relações sociais entre homens e mulheres já foram diferentes das observadas nas sociedades modernas. O ponto de mudança se dá no momento histórico em que a herança material e genética passa a se fazer importante para a engrenagem social, encarnando a mulher uma figura importante na multiplicação dos bens da sociedade, a ser controlada, principalmente pela instituição do casamento. A socióloga Heleieth Saffioti (2015) partilha de um pensamento similar, ao evidenciar que este processo de submissão da mulher se dá através da criação de sistemas simbólicos para impor às mulheres o controle de sua sexualidade e, por meio dela, o controle de suas ações. Para Saffioti, é importante estabelecer uma relação entre patriarcado e relações de gênero, pois este patriarcado não se resume a uma relação privada, mas eleva-se à dimensão civil, dando direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, em um modelo de relação hierárquica que avança sobre os demais espaços da sociedade. Destarte, a divisão sexual do trabalho estaria ligada não à ideia de superioridade da força física do homem, mas sim à necessidade dos cuidados com a prole nos primeiros momentos da vida. A socióloga expõe ainda que é preciso considerar outros dois eixos para um entendimento mais aprofundado das relações de gênero, o racismo e a classe social. Sobre a conjunção desses três fatores, Saffioti discorre que

O gênero, milênios anterior, historicamente, às classes sociais, se reconstrói, isto é, absorvido pela classe trabalhadora inglesa se reconstrói/constrói juntamente com uma nova maneira de articular relações de poder: as classes sociais. [...] Quando se consideram os embriões de classe, pode-se retroceder às sociedades escravocratas antigas. Mesmo neste caso, as classes sociais têm uma história muito mais curta que o gênero. Desta forma, as classes sociais são, desde sua gênese, um fenômeno gendrado. Por sua vez, uma série de transformações no gênero são introduzidas pela emergência das classes. Para amarrar melhor esta questão, precisa-se juntar o racismo.

O nó formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão (Saffioti, 2015, p. 122).

Ainda no campo das conceituações de gênero, outras pesquisadoras de destaque na área dos estudos feministas apresentam definições que corroboram Saffioti. Joan Scott (1995, p. 86) conceitua gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, portanto, pode ser entendido como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Já Maria Eunice Guedes (1995, p. 8-9) descreve o gênero como “uma forma de entender, de visualizar e referir-se à organização social das relações entre os sexos”. Para Judith Butler (2018), o conceito de gênero foi forjado exatamente para refutar a ideia de determinismo biológico presente na ideia de sexo, em que a biologia fosse usada para apontar com naturalidade a posição ocupada por mulheres e homens na sociedade, entendendo que essa determinação biológica serve à naturalização da desigualdade entre homens e mulheres. A operacionalização das relações de poder se daria, então, a partir dessa divisão entre masculino e feminino, atribuindo a mulheres e homens as funções que devem desempenhar e quais as expectativas devem cumprir dentro daquilo que se espera do papel que lhes foi designado. Assim, tudo o que foge ou que questiona esta compartimentalização é passível de readequação, punição e silenciamento. Sendo o gênero uma construção, Marlon Cruz e Fernanda Palmeira (2009, p.116) argumentam que “essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero”. María Izquierdo (2022) também propõe que as construções históricas, econômicas, sociais e psíquicas de mulher e homem são a resposta que a sociedade dá ao fato de que, para os seres humanos, a procriação é sexuada e os recém-nascidos totalmente dependentes nos primeiros anos de vida. Isso leva a constatação, de que a

Ordem social se alicerça na subordinação daqueles que cuidam de pessoas dependentes sob o ponto de vista físico e/ou psíquico, e as tipifica como femininas; a respeito daqueles que produzem e transformam o meio, administram as relações sociais, políticas e econômicas, estes são tipificados como masculinos (Izquierdo, 2022, p. 255).

Semelhantes esquemas históricos e sociais se reproduzem, segundo Jorge Knijnik (2006), na dinâmica educacional de homens e mulheres, o que repercute tanto no imaginário dos indivíduos como nas diferentes hierarquias que compõem as sociedades. Faz-nos lembrar os construtos sociais mencionados por Pierre Bourdieu (2002), que se perpetuam por intermédio de instituições como a família, a escola e a igreja, mas também por outras ordens mais sutis, como o jornalismo e o esporte, com destaque para o futebol. Izquierdo (2022) esclarece que essa hierarquização dos papéis

sociais incute estereótipos e coloca as mulheres em posições secundárias, geralmente em papéis relacionados ao lar. Assim, quando elas ousam o movimento de saída do espaço privado para o público, ou quando tensionam a ordem vigente, enfrentam resistências persistentes, ainda mais em territórios tão inquestionavelmente tidos como masculinos, como o futebol (Knijnik, 2006).

Questões de gêneros dentro dos gramados

A experiência das mulheres no ambiente ladeado pelo futebol também é atravessada por estruturas estereotipadas, hierárquicas e restritivas, visto que, de acordo com Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), a masculinidade ocupa um lugar privilegiado nos esportes modernos. Heloisa dos Reis (1998) aponta que as bases destas práticas desportivas foram constituídas sobre a ideia de superioridade masculina. É a mesma perspectiva de Eric Dunning (1992), para quem ideais como coragem e virilidade, associados à figura masculina, se fortaleceram na história, a ponto de se estabelecerem como áreas de reserva para o homem. Com o processo de profissionalização e o surgimento de instituições como a The Football Association (FA), que passaram a gerir a prática do futebol, iniciativas e táticas de exclusão das mulheres dos campos e seus entornos eclodiram. Fundada em 1863, no Reino Unido, a FA foi responsável por instituir uma das primeiras proibições às mulheres, posicionamento este que definiu os (des)rumos do futebol feminino em várias outras partes do mundo e representou um atraso significativo do desenvolvimento da modalidade no cenário global (Araújo, 2021).

No cenário brasileiro, onde o futebol ganha conotações únicas, nas palavras de Daolio (1998), tornando-se “uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar”, a história do ingresso das mulheres é cercada de mitos, cerceamento, hiatos temporais e barreira legais, como destaca Reis (1998), dado que justamente no “país do futebol” a permissão à prática mais efetiva pelas mulheres só ocorre a partir de 1997. A percepção da modalidade como elemento incompatível com a “natureza feminina” foi um dos principais argumentos usados para afastar as mulheres dos gramados. Silvana Goellner (2005) registra que as diferenças biológicas eram a base da sustentação das proibições à prática de futebol pelas mulheres, por envolver força física e, assim, ser considerado muito violento para a formação corporal das praticantes, o que ameaçaria o papel de mãe e geraria uma desonra. Conforme a autora, criou-se uma percepção de que o sucesso das jogadoras “poderia infringir as leis da natureza pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja a base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre o outro” (Goellner, 2005, p. 145). Para além de um constructo simbólico, estas percepções endossaram a proibição como política de Estado. No Estado Novo, coube à lei garantir que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as instruções necessárias às entidades desportivas do país” (Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941).

Este banimento impulsionou um processo de marginalização das mulheres no meio futebolístico, processo que perdurou por 38 anos no Brasil e foi baseado em punições como a prisão. Apenas em 1983, o Conselho Nacional de Desportos (CND) aprovou o texto que estabelecia as regras para a prática do futebol feminino, mas as regras dizem respeito apenas à prática recreativa, não à profissionalização. Mesmo assim, para Silva (2015), tanto o fim da proibição quanto a regulamentação foram propagadas como uma concessão masculina ao “premature” futebol feminino, invisibilizando os esforços das próprias mulheres na ocupação dos campos de futebol.

Nesta situação de inviabilização por muitos anos no cenário esportivo nacional, uma Copa do Mundo para a modalidade feminina tem um papel crucial de revitalização. Por isso, Rachel Allison (2023) considera o evento uma importante plataforma de visibilidade, capaz de angariar mais apoio, chamar atenção para a modalidade e desconstruir imaginários preconceituosos, além de se constituir como um importante motor para a profissionalização do futebol feminino, através de uma plataforma para a especialização de elite. A Copa possui caráter dramático, apelo popular e um significado internacional, um certame significativo em que apenas o esporte feminino está no centro das atenções globais

O impacto do ideário constituído ao longo do tempo sobre a relação das mulheres com o futebol implica na persistência de lutas contra diversas barreiras. Uma destas barreiras envolve o lugar discursivo de autoridades no comentário sobre futebol. Mesmo na vida privada, o direito de construção de narrativas sobre esse esporte foi por tradição negado, sobretudo pelo fundamento problemático na relação entre a prática do esporte e seu entendimento. María Graciela Rodríguez et. al. (2000) explicam que, assim como a mulher foi impedida de praticar o esporte, refutou-se historicamente o seu conhecimento a respeito, em uma dupla exclusão combinada. Rodríguez et al., (2000) ainda acrescentam outra armadilha do obstáculo à prática, já que até mesmo a modalidade feminina, que poderia se colocar como um lugar para essa “aprendizagem” exigida, além da proibição mencionada em diversas partes do mundo, também ficou imbuído de uma imagem inferior, quando comparada a sua versão masculina. Para Leda Maria Costa (2007), esse contexto adverso, reforça o senso comum de que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não têm autoridade para conversar, lugar-comum reproduzido em conversas cotidianas e repercutindo na Publicidade, no entretenimento midiático e no Jornalismo. As mulheres são constantemente testadas, seja como debatedoras do esporte ou mesmo como torcedoras, como destaca Lara Stahlberg (2011), ao imputar que esta necessidade de prestação de esclarecimento sobre as regras e históricos do esporte é usada para tentar desqualificar o entendimento feminino sobre o futebol. Com a instituição desses parâmetros públicos somada à negação do conhecimento feminino sobre o esporte, as mulheres também são excluídas da possibilidade de nutrir paixão pelo futebol. A paixão que lhes cabe parece estar diretamente associada ao ambiente privado, e sempre relacionada a fatos domésticos, como gostar de novelas, por exemplo (Rodríguez et.al, 2000).

Dos gramados para as mídias

No campo do Jornalismo Esportivo, a configuração aqui discutida é, da mesma forma, marcada pela forte relação entre a prática do esporte e o direito de construir narrativas de forma profissional, já que a bagagem de cerceamentos e silenciamentos adentrou o espaço trabalho das mulheres com a mesma força. Valores se deslocaram dos campos de jogo para a imprensa, sobretudo pela convivência permeável entre o futebol institucionalizado e os veículos noticiosos. Suzanne Franks e Deirdre O'Neill (2016), ao realizarem uma revisão de literatura sobre a atuação das mulheres na imprensa esportiva, expõem que o campo das notícias esportivas representa uma das divisões de gênero mais intensas e historicamente mais duradouras no Jornalismo. Isto advém do fato da figura feminina ser vista no Jornalismo, desde o princípio, não como produtora, mas sim como consumidora de notícias. O ingresso das mulheres no universo da produção jornalística se dá em editorias como moda, sociedade e questões domésticas. Os demais assuntos, como política, economia e esporte foram mantidos sob responsabilidade dos redutos masculinos. Segundo Franks e O'Neill (2016), é só no limiar da década de 1920, devido ao contexto da Primeira Guerra Mundial, que as mulheres conseguem adentrar com mais volume na editoria esportiva. Cláudia Martins e Carla Cerqueira (2018) apontam que essa depreciação do trabalho das mulheres na mídia era reforçada por uma tendência dos veículos em desvalorizá-las e trivializá-las sistematicamente, quer no eixo da produção, quer no aspecto da representação nos conteúdos. Essa constatação se aproxima do conceito de aniquilação simbólica desenvolvido por Gaye Tuchman, ou seja, um processo que limita "as possibilidades inerentes às vidas das mulheres, o que, provavelmente, desencoraja algumas mulheres de alargar os seus horizontes, ao mesmo tempo que encoraja outras, e também homens, a adoptar visões estereotipadas do potencial individual e colectivo das mulheres" (Tuchman, 2009, p. 16).

No contexto brasileiro, a presença das mulheres na editoria de jornalismo esportivo também foi tardia. Bueno (2018) informa que as estruturas de dominação nos gramados e estádios também se fizeram presentes na cobertura jornalística do futebol, no impresso, no rádio e na TV. Embora os primeiros registros de mulheres atuando com Jornalismo Esportivo nacional remontem à década de 1930, de acordo com Araújo (2021), a visão masculina sempre pautou essa editoria, o que fez com que as mulheres só conseguissem se estabelecer a partir de 1970. Bueno (2018) aponta que, entre as principais dificuldades enfrentadas pelas profissionais no ingresso nesse espaço, estava a não permissão legal da participação e envolvia desde o preconceito de gênero por parte de outros atores das partidas (torcedores, juizes, outros colegas de imprensa, etc.) até problemas de prática de entrevistas com atletas em vestiários.

Na TV aberta, especificamente, a inserção das mulheres na cobertura esportiva foi bastante tardia em todos os aspectos. Bueno (2018) documenta maior evidência das jornalistas televisivas na década de 1980, mas, por sofrerem uma série de resistências, suas trajetórias são marcadas por alocações em posições secundárias e descontinuidade de projetos. A autora lembra que a jornalista Renata Fan, à frente do

diário Jogo Aberto, da TV Bandeirantes, figurou como pioneira na função de âncora de mesa de debates. No entanto, mesmo com esses avanços, outros problemas históricos vivenciados pelas mulheres nos gramados e arquibancadas também são importados para as telas: além da ideia de que a mulher no campo esportivo estava em busca de relacionamentos amorosos, a presença de mulheres em programas esportivos na TV foi contaminada pelo foco em atributos como beleza, graciosidade e feminilidade, que poderiam, numa concepção machista, aumentar a audiência.

Se mulheres conquistaram mais estabilidade na editoria esportiva e na cobertura futebolística a partir deste período, isso não significou o fim dos entraves. Bueno (2018), entende que tal estabelecimento fez com fossem criados “nichos femininos” para a atuação feminina, nos quais “mulheres assumem, majoritariamente, a função de apontar os temas que serão debatidos, levantar questões para discussões ou mesmo ler e-mails de telespectadores, cabendo ao homem a produção efetiva do conteúdo, da discussão e da opinião sobre o tema” (Bueno, 2018, p. 87). Assim, certas funções como a narração, os comentários e as análises técnicas se mantiveram intactas como lugares de masculinidade.

Especificidades da generificação no telejornalismo esportivo

Os estudos da presença das mulheres no Jornalismo demonstram que este processo está ligado às mudanças sociais relacionadas à abordagem de gênero, intensificadas por volta da década de 1990. Para Raymond Boyle (2006), é neste momento que as mulheres começam a apresentar e liderar programas esportivos na TV. Se a atuação feminina nas transmissões esportivas tendia à área da apresentação, o autor indica os anos 2000 como momento da participação mais diversificada na editoria, embora ressalte que a aceitação das mulheres, principalmente na cobertura do futebol, dependia da aprovação dos produtores, em sua maioria, homens. Além disso, também pontua como um dos grandes gargalos à época a falta de mulheres na posição de editoras de esportes e, conseqüentemente, a limitação na inclusão de esportes praticados por mulheres nas pautas.

No Brasil, como revelado por Raphaela Ferro (2021), um volume na inserção de mulheres na cobertura esportiva em áreas entendidas como de relevância também data da década de 1990. Mas é a partir de 2007, com o já citado pioneirismo de Renata Fan na apresentação do Jogo Aberto da TV Bandeirantes, que a fase de descontinuidade começa a ser superada. No entanto, Helena Miranda e Camila Silva (2017) tecem crítica a esses programas em formato de mesa redonda – no qual o Jogo Aberto se inscreve – por nunca colocarem as mulheres de fato na roda de discussão. Seu papel se restringe a ficar em um lado do estúdio fazendo a mediação das perguntas ou jogando no ar questionamento de torcedores que mandam mensagens via *web*, ou seja, uma permanente personagem secundária.

Para Ferro (2021), as competições com vozes femininas na narração passam a ser fomentadas principalmente a partir de 2018, o que não significou um necessário fim aos entraves. Ainda que as mulheres tenham avançado quantitativamente nos

espaços midiáticos esportivos, é questionável como sua imagem é veiculada nos programas. De acordo com Miranda e Silva (2017), a amplitude de participação não atinge o lugar de formadoras de opinião, narradoras ou comentaristas, sempre muito pequeno, em especial por uma alegada falta de credibilidade. As pesquisadoras ainda salientam que às jornalistas é exigida uma espécie de “padrão de beleza para TV”. Isto atinge as roupas, maquiagens e acessórios usados pelas apresentadoras, persistência da “imagem estereotipada da jornalista esportiva bela e dentro dos padrões de beleza permitidos”, que perpassa também uma postura mais comedida, bem-humorada e simpática (Miranda; Silva, 2017, p. 12-13).

Outro ponto de preocupação diz respeito à forma como a TV trata a cobertura de esportes praticados por mulheres. Para Araújo (2021), mesmo com mais jornalistas mulheres atuando nos eventos esportivos, a visão masculina sempre pauta a forma de cobertura. A pesquisadora indica que, após a revogação da proibição do futebol feminino no país, a imprensa começa a pautar o assunto pelo viés do incentivo, mas isso não exclui a coexistência de conteúdos estereotipados, racistas, com reforço de padrões de feminilidade, foco na aparência física, imposição de padrões de beleza e sexualização do corpo feminino. Uma possível transformação tem início quando os movimentos feministas começam a contestar esses discursos e as próprias jogadoras passam a compreender o uso de espaços na internet como oportunidade de intensificar a luta por mais estrutura e por uma ressignificação da mulher nos contextos esportivos (Araújo, 2021, p. 158).

Bruna Jacobovski (2022) explica que a imprensa segue os padrões normativos e a generificação desde o início da produção da notícia, com a idealização da pauta, até a escolha do repórter a executá-la (Jacobovski 2022, p. 41). E no trabalho com o futebol, isso ganha contornos mais claros, pois homens e mulheres são condicionados a ocuparem lugares bem específicos. Na cobertura do futebol, por exemplo, que é o objeto de estudo do presente trabalho, a dinâmica das transmissões é formada pela interação entre narradores, comentaristas, apresentadores, repórteres de campo e analistas. Pesquisadores como Noemi Correa Bueno e José Carlos Marques (2020), Leonardo Pacheco e Silvio Ricardo da Silva (2020), Raphaela Ferro (2021), Araújo e Ventura (2019) são unânimes em apontar uma tendência de restrição feminina na narração e comentários, ainda que não haja, como defende Ferro (2021), dentro destas funções, atributos que as definam como masculinas ou femininas. O fenômeno diz respeito mais a uma detenção de privilégios no universo esportivo, uma reserva masculina nas atividades mais nobres, mais “pensantes”.

A narração é o que sustenta a transmissão esportiva, no vídeo ou no áudio. Para Fernando Schinner (2004), o narrador é a figura responsável pela descrição do evento esportivo, responsável por conduzir o relato do que acontece. É a figura da emoção transmitida a partir do que ocorre em campo, além de interagir com aqueles que acompanham a partida, o que envolve o poder de dar voz ao acontecimento. A reportagem, para Araújo e Ventura (2019), consiste na apuração e divulgação das informações obtidas no campo, no ideário jornalístico uma atividade puramente informativa, sem espaço para opinião ou qualquer tipo de interpretação subjetiva.

Sobre a apresentação, Araújo e Ventura (2019), entendem que tal função expressa a imagem do programa esportivo, exigindo de quem ocupa este espaço uma postura objetiva e roteirizada na maior parte do tempo. Quanto à função de análise, os mesmos autores descrevem o âmago dos programas esportivos, pois ela “exige conhecimento aprofundado, posicionamento fundamentado sobre a temática esportiva e autoridade para transmitir confiabilidade ao público por se tratar de um estilo opinativo” (Araújo; Ventura, 2019, p.132). Por fim, o comentarista, para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel,

Tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer (Barbeiro; Rangel, 2006, p. 78-79).

Observa-se que dentro de cada função há também uma margem de poder e, portanto, de hierarquia, pronta para instrumentalizar e manter privilégios na editoria esportiva. Bueno e Marques (2020) discutem que ainda há persistência da ideia de que determinados temas dentro da editoria esportiva devem ser trabalhados pelos homens, não considerando a capacidade das jornalistas de realizarem análises técnicas, principalmente sobre o futebol. O resultado disso é a negação do direito de que elas constituam narrativas no universo esportivo. Para os autores, “observa-se que à mulher cabe exibir os conteúdos que serão aprofundados, debatidos e produzidos por homens (narradores, comentaristas e convidados) cabendo a estes o poder da palavra, o discurso competente e, conseqüentemente, o debate efetivo sobre o esporte e suas vertentes”. Andrew Barnfield (2013) descreve que, no espaço da transmissão esportiva, narrador e comentarista são agentes que “fazem o futebol” e argumenta que a narrativa é o que sustenta e constrói as formas de contar histórias, o que, no futebol, ganha uma função primordial. Pacheco (2023, p. 64) ressalta que, exatamente por isso, “o espaço de narração, comentários e análise torna-se um espaço de poder que produz efeitos de nomear a realidade, através da fala, da linguagem, da voz”, influenciando o olhar sobre o que se vê na transmissão ou se imagina pela mediação do som. Citando Jennifer Hargreaves, pesquisadora que realizou um estudo feminista sobre mulheres no esporte, Pacheco (2023) considera que as limitações citadas na atuação das mulheres na cobertura de esportes, além reforçar a desigualdade de gênero e a opressão simbólica, contribui para construir no público que consome os produtos uma realidade em que os esportes são, em definitivo, um lugar do homem.

A perspectiva da presença de mulheres diretoras, produtoras e escritoras em diferentes formatos e segmentos midiáticos, além de proporcionar uma representação mais coerente da sociedade, colabora, como realça Pacheco (2023), de maneira

imprescindível para a desconstrução da naturalização do masculino como norma para a narração, análise e comentários esportivos. E o Jornalismo, enquanto elemento que contribui na permanente construção cultural, surge como instrumento de combate a hierarquizações, manutenção de privilégios e desigualdades historicamente estabelecidas.

Um olhar sobre o caso do Esporte Espetacular e as Copas femininas

Um dos motes que ensejaram o desenvolvimento deste texto foi a edição do EE de 02 de junho de 2019, na qual eram apresentadas as jornalistas que participariam da cobertura do Mundial feminino daquele ano no programa. Um VT⁵ do programa em questão faz paralelo entre a luta das jogadoras em campo e das mulheres em outras áreas da sociedade. O texto do *off* destacava que a TV Globo transmitiria jogos do Mundial pela primeira vez na história e enfatiza: "É a nossa Copa aqui na Globo". A depender da abrangência deste discurso, caberia uma pressuposição de que as mulheres teriam protagonismo na cobertura nas mais diversas áreas que envolvem o trabalho jornalístico em um grande evento, bem como também haveria autonomia para debater os mais diversos temas dentro desta cobertura. Ecoava um problema de pesquisa, levando em consideração todo o percurso histórico e teórico descrito nas páginas anteriores: sendo aquela uma Copa "das mulheres", que forma de protagonismo as jornalistas tiveram na ocasião? Com base nos dados verificados nas dez edições do EE analisadas, foi possível chegar a alguns indicativos de evolução na participação feminina no programa, mas a persistência de uma série de questões que merecem as reflexões a seguir e abrem caminho para pesquisas futuras.

Em 2019, temos à frente das câmeras, atuando na cobertura da Copa no EE, a jornalista Ana Thaís Matos na função de comentarista, o que significa discursos que vão das análises técnicas até os comentários. As jornalistas Carol Barcellos e Lizandra Trindade ocupam as funções de repórteres, além de Bárbara Coelho, na apresentação da atração esportiva, ao lado do jornalista Lucas Gutierrez. Em termos gerais, considerando o tempo de tela, é possível perceber que as mulheres obtiveram mais destaque nas funções de narração e comentários do que os homens: nas narrações, 05 minutos e 55 segundos para as mulheres, 01 minutos e 30 segundos para os homens; nos comentários, 03 minutos para as mulheres e 01 minuto e 16 segundos para os homens. No entanto, vale mencionar que, tomando como parâmetro o tempo de cada edição do EE, o espaço dedicado, sobretudo aos comentários e análises técnicas sobre a Copa do Mundo feminina no período analisado: 04 minutos e 16 segundos totais, entre homens e mulheres.

Já no âmbito da narração, observou-se que a edição de resumos de jogos privilegiou a voz masculina em detrimento da feminina. A análise das edições também

⁵ Abreviação para a palavra *videotape*, que se refere à máquina utilizada para gravar áudio e vídeo magneticamente ou ainda à própria mídia física gravada (a fita). A sigla também é utilizada no jargão jornalístico para se referir a reportagens ou matérias gravadas e editadas, que é o sentido empregado neste artigo.

evidenciou que o principal posto ocupado pelas mulheres dentro da cobertura da Copa do Mundo no EE em 2019 foi na reportagem, considerando matérias especiais, entradas ao vivo e VTs factuais. Já a menor taxa de participação das mulheres foi registrada na função de análise técnica e comentários, com um registro contabilizado no decorrer das cinco edições. As repórteres de campo tiveram pouquíssima margem para demonstrarem suas próprias impressões e fazerem comentários a respeito do Mundial de 2019. Quanto à abordagem das e dos jornalistas envolvidos na cobertura a respeito da prática do futebol feminino, foi identificado um cuidado maior por parte de todos os envolvidos na cobertura do evento no que diz respeito às referências à modalidade, como, por exemplo, ao evitar fazer menções aos corpos das atletas. Não houve menções e comentários a respeito do corpo das atletas nem de aspectos explícitos de beleza física, por exemplo. No entanto, surge um apontamento a respeito da maternidade dentro do contexto esportivo. A forma como o tema foi tratado em uma das edições, especificamente na edição de 23 de junho de 2019, fornece indícios de um conflito entre a condição de mãe e a prática do futebol, como se evidenciasse que, ao adentrar nos gramados, a mulher automaticamente veria problematizada sua convivência familiar. Araújo (2021) pontua que abordar o tema da maternidade no contexto dos programas esportivos merece atenção pelo fato do tópico sempre pautar a discussão sobre a presença das mulheres no esporte, em especial no futebol. Afinal, ainda que a prática esportiva profissional possa efetivamente cobrar um tempo considerável do cotidiano de atletas, privando estas pessoas, de forma parcial ou plena, de outras dimensões da vida, a mesma conjuntura atinge os homens, sem que isso necessariamente seja foco de matérias nesta editoria.

Outro ponto problemático observado nas edições de 2019 foi o uso de referências relacionadas ao aspecto da feminilidade em momentos em que o foco estava na atuação das atletas. Silva (2015) ressalta que expressões como “graça, elegância, charme, delicadeza” sempre foram utilizadas pela imprensa esportiva no decorrer da história do futebol de mulheres, reafirmando a feminilidade e o lugar da mulher na sociedade, bem como negando a masculinização. Já Miranda e Silva (2017) enfatizam que essas referências também são levadas para o campo da mídia, uma vez que mulheres que atuam em programas esportivos, sobretudo na televisão, também são pautadas por um padrão que envolvem alusões ao imaginário sobre o feminino.

Mas a cobertura da época também proporcionou significativas reflexões históricas e críticas sobre o tema da desigualdade de gênero dentro do futebol. Estas discussões sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos campos também abriram um espaço interessante para as próprias jornalistas pensarem e falarem sobre a participação das mulheres na cobertura do mundial. Estes aspectos trouxeram uma visão que contribui com a quebra do estereótipo de que a mulher não pode orbitar o campo do futebol, atualizando a narrativa sobre sua atuação nestes lugares.

Na cobertura da Copa do Mundo feminina de 2023, há a participação à frente das câmeras das jornalistas Denise Thomaz Bastos, Gabriela Moreira, Lívia Laranjeira e Ana Beatriz Farias; das apresentadoras Bárbara Coelho e Karine Alves; além das comentaristas Renata Mendonça e Ana Thaís Matos e da narradora Renata Silveira, o

que indica um aumento no número de mulheres em tela. A análise das cinco edições do EE em 2023 revela que, na categoria tempo de participação feminina em tela nas funções de narração, análises técnicas e comentários superou o tempo dos jornalistas na ocupação de todas as funções. Considerando análises técnicas e comentários juntos, seu tempo de tela também foi superior ao dos homens – 23 minutos e 28 segundos, em contraste com apenas 02 minutos e 23 segundos ocupados por homens –, o que indica um movimento de mudança em que tanto as mulheres como a própria Copa do Mundo feminina enquanto evento de esporte praticado por mulheres obtiveram um destaque bastante significativo no EE em 2023 e mobilizaram mais pessoal para as transmissões. Levemos em conta que quase 02 horas de programação foram dedicadas ao torneio, contabilizadas todas as cinco edições estudadas no referido ano. O fato de o programa viabilizar um espaço assinalado com a identidade visual do EE e ter a apresentadora do EE comandando o programa ao vivo do local do Mundial e uma comentarista fixa em todas as edições é um indicativo desta mudança.

Levando em conta o critério função de participação, a análise das edições indicou que a principal função ocupada pelas mulheres dentro da cobertura em 2023, considerando matérias especiais, entradas ao vivo, narração e VTs factuais e as interações durante a cobertura, foi na apresentação, muito pela atuação de Bárbara Coelho, ao comandar a atração esportiva diretamente da Austrália, uma das sedes do torneio. A menor participação das jornalistas foi identificada na reportagem, mais por conta da cobertura 2023 da Copa no EE privilegiar o ao vivo. Outro ponto importante a ser mencionado é que, ao contrário de 2019, o tema maternidade não foi um elemento utilizado de forma a indicar uma separação necessária entre mulheres e o universo do futebol. A referência à maternidade, quando utilizada, não ressaltou impedimentos à prática da modalidade nem um conflito, mas enfatizou a fragilidade de argumentos que relacionam a impossibilidade de jogar futebol à condição de mãe. Mostrar as jogadoras com seus filhos em campo remonta às discussões de Gollner (2005), expondo a fragilidade dos argumentos de incompatibilidade entre família e vida esportiva. Também não foram identificadas menções a lugares pré-definidos de feminilidade, o que indica um processo de tratar de forma natural a presença da mulher em campo e a atuação da mulher jogadora. No entanto, não se pode deixar de frisar que, em um dos momentos que mais exigiram um posicionamento crítico por parte dos profissionais que conduziam a transmissão da cerimônia de premiação, isto não foi feito. Houve, na verdade, uma tendência a normalizar o fato do presidente da Federação Espanhola de Futebol beijar uma das atletas da sua equipe, vencedora da Copa. Mesmo sem entender as circunstâncias do ato, a narradora Renata Silveira pontua que essa atitude deve ser normal na Espanha e que está tudo bem, embora sem a configuração da consensualidade, o que retrata ainda uma falta de sensibilidade às situações em que as mulheres são submetidas no ambiente futebolístico.

A observação das edições de 2023 identificou o fato de a cobertura ser majoritariamente ao vivo, não inviabilizando as discussões sobre igualdade entre os gêneros e questões políticas. Insinuou-se no programa um passo na direção de recuperar referências do futebol de mulheres como parâmetro na transmissão. Em um

dos comentários feitos por Renata Mendonça neste sentido, a jornalista cita como exemplo as jogadoras Sissi Lima e Roseli de Belo como grandes nomes do futebol de mulheres no Brasil, mas que são pouco reconhecidas por seus feitos pelo apagamento destas mulheres do imaginário popular. São constatações que traduzem uma mudança significativa, ao ceder espaços para as mulheres se posicionarem criticamente sobre futebol em diferentes espaços, tanto de forma profissional como pessoal, enquanto pessoas que simplesmente gostam do esporte.

É possível inferir na análise da Copa do Mundo 2023 no EE que as jornalistas obtiveram mais espaço para falar de suas perspectivas enquanto mulheres atuantes na cobertura do futebol. Ou seja, o aumento numérico de sua participação passa a ser pauta do próprio programa, em uma espécie de metarreflexão que traz dados quantitativos de mulheres que participam da cobertura jornalística em edições anteriores do Mundial, o que colabora para um tratamento mais crítico sobre a visibilidade da modalidade, tanto esportiva como profissional/jornalística. Porém, chama a atenção a continuação do ideário masculino que ainda serve ao desenvolvimento do discurso midiático. As referências acionadas para ilustrar, balizar, comparar o esporte feminino ainda são muitas vezes do universo dos homens, o que é uma das críticas de pesquisadores como Araújo (2021, p.251), para quem o “uso insistente de referências masculinas atua como uma maneira de ignorar e silenciar a trajetória feminina nesse esporte”. Este fenômeno se concretiza, por exemplo, na utilização de ídolos do passado para fins de paralelo com as atletas contemporâneas, como no caso de atribuir à jogadora Marta um status semelhante a Pelé.

Quanto ao questionamento sobre se as jornalistas no EE foram titulares ou reservas na cobertura da Copa nos anos de 2019 e 2023, o espelhamento dos dois períodos indica sua participação em todas as áreas, desde apresentação aos comentários e análises técnicas. E, mesmo com o fato da narração dos jogos na TV Globo, em 2019, não contar com uma voz feminina, as jornalistas participaram de narração de resumos de jogos dentro do programa. No entanto, embora o tempo obtido pelas jornalistas tenha sido superior ao tempo dos homens na cobertura, em 2019, a principal função ocupada permaneceu a reportagem, em detrimento das tímidas aparições em narração, análise técnicas e comentários. Com isto, a cobertura da Copa ficou muito restrito a trazer informações, sem margem expressiva para lançar opiniões e refletir sobre suas próprias percepções sobre jogos e acontecimentos do evento. Tais constatações corroboram com a visão de alguns pesquisadores acionados no decorrer da pesquisa de que as mulheres ainda possuem pouco espaço em funções de status nestas produções jornalísticas.

No que diz respeito à análise da atuação das jornalistas na cobertura de 2023, entende-se que se avultou sua autonomia para o desenvolvimento dos assuntos. Além de terem o tempo de participação ampliado em funções como a narração, comentários e análises técnicas sobre a competição, estas profissionais conquistaram mais espaço para refletirem sobre suas próprias atuações e sobre o papel do Jornalismo Esportivo na construção da imagem da mulher enquanto esportista e jornalista esportiva, evidenciando um tom mais crítico, mais ativo no próprio debate esportivo. Com estas

indicações, o estudo presente demonstra que o Jornalismo Esportivo vem absorvendo as reivindicações dos campos, bem como atualizando a imagem das mulheres nas telas, mas, ao mesmo tempo, pede atenção para pontos sensíveis em relação à performance feminina na editoria.

Assim, compreendemos que, em relação à pergunta que foi o mote para esta discussão, constata-se que, em 2019, as mulheres não foram titulares absolutas na cobertura, e isso não pode ser medido apenas por tempo de tela, mas sobretudo pelo gênero de função dentro do programa, que, como se viu, divide-se entre atribuições puramente informativas e outras, mais valorizadas, de cunho reflexivo e opinativo. Já em relação a 2023, pode-se considerar que as mulheres conquistaram a titularidade na cobertura, uma vez, que além de mais tempo frente às tarefas noticiosas, cresceu a autonomia do debate e a consistência das reflexões sobre suas atuações enquanto jogadoras, torcedoras e integrantes da imprensa esportiva, em articulação, aliás, com uma política mais crítica e inclusiva da própria emissora em relação às questões de gênero. Porém, é preciso considerar que o histórico de entraves na relação das mulheres com o futebol dentro e fora dos estádios tem um enraizamento tão amplo, proporcionado pelas razões históricas aqui mencionadas, com implicações de toda sorte de entraves, que este pequeno recorte midiático aqui sugerido, ainda que de um programa de referência na área, merecerá constante ampliação e revisão científica. Afinal, esta recente titularidade jornalística, assim como no esporte, é uma luta constante, com ainda muito espaço de naturalização a ser alcançado.

Diante da multiplicidade de aspectos comunicacionais que este tema oferece à análise, cabe reconhecer que o recorte aqui desenvolvido não chegou a contemplar outros elementos decisivos, tais como a receptividade de espectadores diante das transformações pelas quais o telejornalismo esportivo vem passando, ou ainda a voz das próprias jornalistas a considerar seus espaços midiáticos e seu cotidiano profissional nas empresas jornalísticas na contemporaneidade. De toda forma, são elementos que exigiriam caminhos metodológicos bastante diversos deste sobrevoado oferecido, gerando pesquisas bastante diversas e que seguirão com urgência de serem desenvolvidas por investigações vindouras.

Referências

ALLISON, Rachel. "The World Cup of Empowerment" and "They Really Missed the Ball": Gender Discourses at the 2019 Women's World Cup. **Journal of sport and social issues**. Boston, v. 47. n. 4, p. 328-349, 2023.

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulher e futebol**: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Unesp, Bauru, 2021.

ARAÚJO, Érika; VENTURA, Mauro. A presença feminina no jornalismo esportivo da televisão aberta: uma análise do programa "jogo aberto", da Bandeirantes, 2019. In:

HRENECHEN, Vanessa Cristina de Abreu Torres (org.). **Ciências da comunicação**. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 131-145.

AUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? DP & A Editora, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**. Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARNIFIELD, Andrew. Soccer, Broadcasting, and Narrative. **Communication & Sport**. Glendale, v. 1, n. 4, p. 326-341, 2013.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Mulheres no campo**: o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo; Fontenele, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOYLE, Raymond. **Sports journalism**: context and issues. Thousand Oaks: Sage, 2006.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Portal Oficial da Presidência da República. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em 28 set. 2024.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 21, n. 45, p. 110-128, 2020.

BUENO, Noemi Correa. **A (in) visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV**: um estudo de casos no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Comunicação) – Unesp, Bauru, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-31, 2007.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**. Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131, 2009.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, n.10, 1998. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd10/daolio.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e prazer no processo civilizacional. Lisboa: Edições 70, 1992.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 44, 2021, Virtual. Anais. São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15.

FRANKS, Suzanne; O'NEILL, Deirdre. (2016). Women reporting sport: Still a man's game? **Journalism**. Thousand Oaks, v. 17, n. 4, p. 474-492, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995.

IZQUIERDO, María Jesús. A construção social do gênero. **SCIAS - Direitos Humanos e Educação**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 245-274, 2022.

JACOBOVSKI, Bruna dos Passos. **A voz das mulheres**: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação a narração feminina na Globo. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Jornalismo) – UFRGS, Porto Alegre, 2022.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, Cláudia; CERQUEIRA, Carla Preciosa Braga. As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. **Estudos em Comunicação**. Braga, v. 1, n. 26, p. 1-17, 2018.

MIRANDA, Helena Caroline; SILVA, Camila Diane. Nas linhas do Campo: A participação feminina em programas esportivos com comentaristas. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 40, 2017, Curitiba, 2017. Anais. São Paulo: Intercom, 2017. p. 1-15.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-14, 2020.

PACHECO, Leonardo Turchi. Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício. **FuLiA/UFMG**. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 61–81, 2023.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: As manifestações da torcida. 1998. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998

RODRÍGUEZ, María Graciela et al. Mujeres y fútbol: ¿territorio conquistado o a conquistar?. In: ALABARCES, Pablo (comp.). **Peligro de Gol**: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 33-56.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda Books, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender on the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1995.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo**: novas reflexões sobre o feminino no futebol. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

TUCHMAN, Gaye. Media, gênero, nichos. **Media & Jornalismo**. Lisboa, v. 15, n. 8, p. 15-24, 2009.

Recebido em 30/09/2024

Aceito em 01/12/2024